

APRESENTAÇÃO

Luiz Henrique de Araújo Dutra

Editor convidado

Os textos que compõem este número da *Revista de Ciências Humanas* em sua nova fase resultaram das conferências proferidas durante a “Semana da Filosofia 93”, organizada pelos alunos do Curso de Graduação em Filosofia da UFSC, e que se realizou em novembro de 1993 no Auditório do CFH, contando com a participação de professores do Departamento de Filosofia e do Prof. Danilo Marcondes de Souza Filho, da PUC-RJ, também convidado para o evento.

Devemos lembrar, em primeiro lugar, que a iniciativa, a escolha do tema e toda a organização foi dos próprios alunos que, naturalmente, contaram com o apoio do Departamento de Filosofia e, em especial, de alguns de seus professores. Além disso, vale ressaltar também a dedicação dos conferencistas, que prepararam cuidadosamente seus trabalhos e os apresentaram de uma maneira ao mesmo tempo rigorosa e interessante, criando um clima de simpático debate com o público e de grande aproveitamento intelectual. Desta forma, podemos dizer que este volume não apenas reúne textos em torno de um tema, mas também aparece como a consolidação de um trabalho bem feito e uma homenagem a todos aqueles que participaram da “Semana da Filosofia 93” e a apoiaram, sobretudo aqueles alunos que formaram a comissão organizadora e tanto se dedicaram para que o evento fosse bem sucedido.

A escolha do tema “As Filosofias do Helenismo” causou uma grata surpresa. É óbvio que ela decorreu de um genuíno interesse pela filosofia e por sua história, em grande medida motivado pelo trabalho realizado no Curso de Filosofia, sobretudo por aqueles professores que costumam se dedicar ao ensino da filosofia grega. Mas, além disso,

talvez haja um ponto de convergência entre nossas preocupações de hoje e aquelas que nortearam os pensadores das escolas helenísticas, e sobre isso permitamo-nos alguma especulação, o que também servirá para falarmos um pouco dessas doutrinas de maneira geral.

É lugar comum dizer que tais escolas se caracterizaram por uma preocupação eminentemente prática, em contraste com as preocupações teóricas dos grandes sistemas de Platão e Aristóteles, que as precederam. Comentários deste teor são encontrados em quase todos os manuais de história da filosofia, sendo algumas vezes resumidos da seguinte maneira: ao invés de considerar a atividade teórica a mais importante, como seus predecessores da Academia e do Liceu, os filósofos do período helenístico procuravam colocar a atividade teórica a serviço de um bem estar entendido como a finalidade da vida, a felicidade. Alguns dos textos aqui reunidos fazem menção a essa suposta característica geral da filosofia do período helenístico, algumas vezes atribuída às condições políticas e econômicas do mundo grego de então, aquele que resultou fundamentalmente das conquistas de Alexandre, outras vezes interpretada como uma reação às obras de Platão e Aristóteles. A este respeito, também merece consideração o crescimento do Cristianismo e o surgimento dos primeiros pensadores cristãos, assim como suas polêmicas com o pensamento grego. Todos esses aspectos são certamente relevantes, embora talvez seja difícil aceitar qualquer das interpretações que eleja algum deles como o principal.

De qualquer modo, a preocupação hoje crescente entre nós com o que chamamos *felicidade* ou, para usar uma expressão talvez mais neutra, um *viver bem*, está presente nas diversas doutrinas que dominaram o período helenístico, como o estoicismo, o epicurismo, o pirronismo e o pensamento mais tardio da Academia. Sem querer exagerar na especulação, digamos apenas que entre nós e eles há uma certa *simpatia*, isto é, sentimos algumas coisas de modo parecido, ou: temos o mesmo *pathos*.

Os textos que seguem possuem assuntos e abordagens variadas. Alguns se prendem mais a relações entre as diversas doutrinas gregas, ou entre algumas delas e o pensamento cristão; outros procuram explicar certos aspectos conceituais do pensamento helenístico em geral ou de alguma de suas escolas. O prof. João Lupi, em “A Escola de Alexandria como Núcleo do Helenismo Cristão”, recompõe brevemente a história das principais instituições que fizeram de Alexandria um centro de cultura importante no mundo antigo, lugar onde floresceu não apenas o pensamento helenístico, mas também o pensamento cristão nascente, e onde se deu uma parte do importante diálogo entre ambos. A este respeito, o prof. Lupi discute um pouco as idéias defendidas por Clemente e Orígenes.

O texto do prof. Selvino Assmann, “Estoicismo e Helenização do Cristianismo”, aborda especificamente a relação entre o pensamento cristão e o estoicismo, mostrando algumas das mútuas influências entre as duas escolas. Um dos aspectos particularmente interessantes desse trabalho são os comentários sobre o contraste entre o modo de compreender a vida na *pólis* grega, e seus ideais políticos, e aquele modo que veio a caracterizar o mundo helenístico, o ideal de felicidade do indivíduo, assim como o nascimento de uma ética voltada para o indivíduo, que contou com uma influência maior da escola do Pórtico que do Cristianismo.

Voltando-se para uma outra grande escola do período, o prof. Luís Felipe B. Ribeiro, com seu texto “Epicuro no Contexto do Helenismo”, analisa as relações entre o pensamento helenístico e o pensamento clássico, de Platão e Aristóteles, e o pensamento pré-socrático, mostrando em que medida há continuidade e ruptura entre estes períodos, e examinando diversos conceitos importantes do epicurismo, em particular, a oposição entre ser e aparência.

O ceticismo é um outro tópico de fundamental importância para compreender o pensamento helenístico, encontrado entre os pensadores da Academia e entre os da esco-

la pirrônica. O texto "A Possibilidade de Viver o Ceticismo", de Luiz Henrique de A. Dutra, procura discutir uma das principais objeções ao pirronismo, a saber, a acusação de que o cético pirrônico não poderia agir por não ter crenças, sendo essas necessárias para a ação. Analisa a este respeito a maneira como Sexto Empírico entende o *viver pelas aparências*, que caracteriza o pirrônico.

Já o trabalho do prof. Danilo Marcondes, "O Ceticismo Antigo: Pirronismo e Nova Academia", analisa não apenas o ceticismo pirrônico, inaugurado com Pirro de Élis, mas também o ceticismo dos acadêmicos que, segundo alguns, remonta ao próprio Platão. Em particular, é tratada a noção de *epoché*, de fundamental importância nas considerações dos cétricos e dos filósofos helenísticos em geral.

O último dos textos aqui apresentados, "Hume acerca da Vida e da Felicidade", da profa. Sara Albieri, toma em consideração não mais um autor do período helenístico, mas David Hume, que publicou quatro ensaios intitulados: "O Epicurista", "O Estóico", "O Platônico", e "O Cético". A profa. Sara mostra como Hume relaciona estas rubricas não apenas às escolas do passado, mas também a tipos humanos, apresentando, assim, uma curiosa interpretação do pensamento helenístico.

Devemos acrescentar, por fim, que desejamos que os trabalhos aqui apresentados possam ser um recurso a mais para o estudo das filosofias helenísticas e uma contribuição, ainda que pequena, para o aprimoramento daqueles que se interessam pelo estudo da filosofia.

Florianópolis, agosto de 1994.